

Deleuze & Guattari: a criação do novo II



É com grande satisfação que apresentamos o segundo e último da sequência de números que registram os resultados de algumas trocas entre pesquisadoras e pesquisadores vinculados ao Grupo de Trabalho Deleuze/Guattari da Associação Nacional de Pós-Graduação em Filosofia. Como no primeiro, trata-se de uma expressão parcial do *VI Encontro Nacional do GT Deleuze da ANPOF: “Deleuze & Guattari: a criação do novo”*, ocorrido entre os dias 7 e 11 de outubro de 2019, na Universidade Federal Fluminense, em Niterói, e que contou com quase cem conferencistas em sua programação – membros e não-membros do GT, das mais diferentes áreas de conhecimento – e apoio da FAPERJ.

Mais uma vez, gostaríamos de agradecer a todas e todos que participaram do encontro, apresentando trabalhos ou não. Somos gratos também àquelas e àqueles que acompanharam os editores deste número na composição da comissão organizadora: Viviana Ribeiro, Letícia Decarli, Daniela Magioli, Henrique Bittencourt, Ivan de Angelis, Maurício Rocha, Frederico Lemos e Pedro Albuquerque.

Nesta direção, não podemos deixar de mencionar que nosso intuito em contribuir para a promoção destes dois números está justamente na tentativa de cristalizar, um pouco que seja, e sobretudo relançar, da melhor maneira possível, uma certa virtualidade existente entre todas e todos que fazem parte, dos modos mais distintos, das elaborações coletivas do GT Deleuze/Guattari. Como toda virtualidade, esta também

exige práticas adequadas, sempre a serem inventadas, que permitam tanto tornar sensíveis e experimentáveis as riquezas que nela estão contidas, quanto, através destes mesmos exercícios concretos, reenriquecê-la continuamente.

Buscando, ao mesmo tempo, fugir da pretensão homogeneizante do consenso e escapar da estéril mania de oposição e competição acadêmica, apostamos que talvez seja a elaboração coletiva uma ocasião – em meio a tantas outras – para aprendermos, necessariamente juntos (com toda divergência e tensão implicadas!), como ativar e reativar as ferramentas deleuze-guattarianas diante das reordenações do capitalismo, da intensificação do fascismo ou, como tão bem formulou Guattari certa vez, diante deste “totalitarismo hiperativo” atual.

Em outras palavras, para finalizar, gostamos de imaginar que um Grupo de Trabalho, ligado a uma quase imperceptível ilha de produção de conhecimento, pode existir através de uma consistência menos pretensiosa e conquistadora, que carregaria a verdade da história, constituindo-se como algo um pouco mais vivo do que as lógicas capitalistas que, em certa medida, corroem a universidade, desvitalizam o pensamento e envenenam as práticas coletivas, impedindo-as de criarem coeficientes de liberdade.

Mariana de Toledo Barbosa, Rodrigo Guéron & Vladimir Moreira Lima
Editores Convidados do Número Temático